A mãe d'água

The mother of water

*Paulo André Alves do Amaral**

Sabe quando foi formada aquela cacimba? Quem vai saber? Só sei contar que vieram homens cortando a mata, dos dois lados do brejo. Mas naquele miolo um homem gritou — Aqui não se corta mais nada. Ali pôs uma cerca ao redor daquele mato em que ficava a cacimba.

Foi muito sofrimento o corte daquela mata, muitos bichos morreram, outros desertaram e tantos e tantos ficaram órfãos. Eu mesma vim de outra cacimba, sempre me lembro de muita água, mas o gado pisoteou tudo, então bati em retirada procurando abrigo e encontrei aqui essa cacimba neste restinho de mata.

Quando eu cheguei aqui, ainda era jovem, me apossei da água, me escondi lá no fundo pra ninguém me achar. — Os homens acabam com tudo. Mas esse homem do grito, não que fosse bom, mas queria a água limpa para beber e veio certo dia e fez uma cerca de três paus ao redor da cacimba. Fez um engana-jegue por ali para o povo passar. — Aqui gado não bebe.

Ali a água descia e mais adiante fazia um poço para o gado. Aquilo me confortou bastante. Certa vez estava por cima da água descuidada tomando um raio de sol que entrava por entre folhas de árvores, daí uma mulher veio buscar água, me viu e foi aquele bafafá todo. Aqui tem uma Gia morando.

A notícia se espalhou e vieram gente para ver, mas eu fui para o lugar mais escuro e escondido da cacimba, olharam, olharam e nada viram. O homem também chegou bravo por demais e espalhou toda aquela gente aos gritos. — Aqui ninguém vai ver Gia coisa nenhuma e se alguém judiar dela vai se ver comigo. Gia é a mãe d'água e se ela morrer ou for embora, a água seca.

Aquilo foi um alívio, roguei aos céus por essa pessoa e fiquei satisfeita por escolher aquela cacimba de água pura. Nesse tempo, tanto adulto quanto criança me respeitava, vinham buscar água, lavar vasilhas e sempre com muito cuidado para não me espantar. A mulher dizia para lavar vasilhas mais afastado da cacimba para não sujar a água, pois aquela água além do labuto da casa, era para beber, banho mesmo ninguém tomava ali. Era numa

* Educador e escritor. E-mail: palvesdeamaral@gmail.com

caixa no meio da manga, foi feita noutra cacimba que agora não tinha mata ao redor. Aquela água servia para o gado, mas se tomava banho também por lá. — Gente inventa tanta coisa nessa vida.

Daí eu era a mãe d'água naquela cacimba, isso me dava muita vantagem, ninguém abusava de mim ali e eu sabedora disso, não saía daquela cacimba para nada, tinha notícias das malvadezas que faziam com os sapos, pererecas e rãs, nem gosto de contar. Mas tinha também umas alegrias, ser humano às vezes nos surpreende.

Certa feita, veio uma menina da cidade passar as férias por lá e ia lavar vasilhas e buscar água, sempre acompanhada por um menino. O menino era dali mesmo, já nos conhecíamos há tempo conhecia sua voz de longe, mas da menina sempre me escondia, ainda não éramos amigas. Daí a menina queria que o menino entrasse na cacimba e ele dizia que não. Ela dizia que ele tinha medo, mas ele dizia que não poderia, pois lá morava uma Gia e se ele entrasse lá e a Gia fosse embora, a água secava e o seu pai haveria de lhe dar uma surra. Ela ria, ria e ria. Seca nada, isso é conversa fiada, não entra por medo.

Nos dias que seguiram a mesma coisa, um dia ela disse que se ele entrasse ganharia um beijo, o menino ficou ruborizado e tentado por demais, tive medo dele entrar, me pegar para ganhar aquele beijo, meu coração batia forte, mas ele mesmo emocionado não arriscou entrar na cacimba.

No outro dia, ela foi buscar água sozinha, tinham arrumado serviço para o menino naquela manhã. Ouvi-a cantarolando pelo caminho e fiquei de espreita, ela pegou a cuia e colocou água até o meio da lata e ficou brincando com a cuia na água, daí eu vim devagarinho pelas beiradas e quando ela menos percebeu eu estava lhe olhando perto da cuia, ela tomou um susto tão grande e com um enorme grito correu. Voltei para o meu canto às gargalhadas, aquela sujeita haveria de ter aprendido uma lição. Depois ela voltou desconfiada, pegou a lata e fugiu. Quando interrogada sobre o grito ela disse se assustou com uma cobra, mas não teve coragem de dizer que viu a Gia.

Aquela menina era de uma sabedoria incrível, eu sabia que ela queria beijar o menino, mas ela ficava arrodeando e quando as férias estavam acabando, num dia desses, ela disse ao menino na beira da cacimba — Nem por um beijo você teve coragem de entrar aí? E ele disse que era por causa da Gia, o que ela respondeu que não acreditava em Gia coisa nenhuma, mas que ele ia ganhar o beijo assim mesmo, o resto dispensa comentários.

Vivi tempos bons, ouvi tanta coisa ali, os fuxicos aconteciam na beira da cacimba... Aquela caixa do meio da manga havia sido a minha primeira morada, ali também é uma boa cacimba com olho d'água enorme. Minhas irmãs nasceram por lá, minha mãe era uma gorducha

cantadeira, quando caía as primeiras chuvas ela se irradiava de magia e canto, os sapos todos estufavam os peitos e começavam a alegria do brejo, mas aí essa gente começou a cortar a mata – gente que não entende que a natureza é toda magia.

Quando pegaram minha mãe e a levaram por brincadeira para não se sabe onde, resolvi arribar, esperei o barulho dos machados parar e quando escureceu eu parti, vim no meio daquela destruição toda e por sorte me acheguei para essa cacimba de cá e fiz morada. Se não fosse a última cacimba protegida, talvez tivesse derrubado a mata também. Mas só depois daquele grito é que os homens pararam a matança, disseram que iam ter com o patrão na cidade.

Aqueles não voltaram mais, vieram outros que agora já eram de outro patrão. O homem do grito já havia terminado a casa ali perto e disse-lhes que na água ninguém mexia. Disseram que precisavam cercar a fazenda e foram para outro mato fazer derrubada. Aquilo foi um alívio, procurei me esconder mais no fundo para que ninguém me percebesse. Quando aqueles homens terminaram a derrubada e foram buscar as madeiras – na primeira viagem que fizeram com aqueles postes – o homem do grito de espingarda na mão os intimidou.

— Essa madeira é minha pode deixar aí.

— Mas por que o senhor não disse isso no dia que começamos a trabalhar?

— Ninguém perguntou.

Esses homens voltaram para a cidade e depois de tempos veio um carro roncando por aquelas bandas trazendo o patrão, gente conversada de outras falas e letras

— Então meu amigo vamos resolver essa quizília?

Aquele sertanejo da espingarda respondeu de prontidão que não tinha quizília nenhuma não, só um mal-entendido dos trabalhadores. Nada que não se resolvia com um café e uma prosa. Prosa essa que demorou uma tarde inteira e o homem da cidade pagou caro aquele chão e esse foi o meu fim. O sertanejo bravo arribou com a família rumo à cidade e ao desconhecido.

Os machadeiros tomaram conta do restinho de mata, profanaram o sagrado, derrubaram e tocaram fogo. A cacimba começou a ferver e não aguentei o calor e saí, só vi destruição, dessa vez não havia outra cacimba para ir, o chão estava em brasas, fumaça e fuligem escurecia tudo, tossi forte e sem forças, agonizei... Assim foi o último suspiro de uma mãe d'água...